

OSVALDO COGGIOLA

A Outra Guerra do Fim do Mundo



A Batalha pelas Malvinas e a América do Sul

AE
Ateliê Editorial

A outra guerra do fim do mundo: A batalha pelas Malvinas e a América

Fernando Sarti Ferreira

Com “A outra guerra do fim do mundo” (Editora Atêlie, 2014), Osvaldo Coggiola nos brinda com a possibilidade de uma aproximação, de maneira sucinta, mas nem um pouco superficial, à complexa questão das Ilhas Malvinas. Neste sentido, o livro é uma contribuição extremamente importante para que o público brasileiro consiga romper com a ideia simplista e amplamente difundida, principalmente pelos grandes conglomerados da imprensa, de que a reivindicação argentina sobre o arquipélago não passa de mais uma das tantas idiossincrasias atribuídas de maneira estúpida e preconceituosa aos nossos vizinhos. A guerra das Malvinas, e muito mais importante ainda, a reivindicação pela soberania argentina no Atlântico Sul não pode de maneira nenhuma ficar reduzida a uma das peças de propaganda armada mais desastrosas da história produzidas pela facínora Junta Militar.

Abordando a crise e a guerra contra a Grã-Bretanha pelo inóspito arquipélago entre os meses de abril e junho de 1982, Coggiola reafirma o óbvio, mas quase sempre esquecido em se tratando dos relatos difundidos entre nós: a guerra deve ser analisada dentro de seu “contexto histórico, político e internacional”. Em meio à crise da dívida do Terceiro Mundo e a retomada da iniciativa por parte do movimento popular contrário às ditaduras no Cone Sul, o conflito das Malvinas foi, nas palavras do autor, a “expressão espetacular do anacronismo do aparelho político-militar dos EUA na América Latina”. Assim, deve ser entendido como um dos últimos capítulos no processo de transição do sistema de hegemonia montado desde os estertores da Segunda Guerra Mundial, do qual

um dos principais objetivos era o de impedir qualquer tipo de agressão externa ao continente, explicitamente a “agressão do comunismo”. Paradoxalmente, os militares argentinos, que haviam sido os mais fiéis e dedicados guardiões das doutrinas emanadas da Escola das Américas, foram, segundo Coggiola, “a ponta de lança da desmontagem de um sistema que ruiu na sua própria entranha”.

Coggiola usa a história sobre a longa querela pelo arquipélago, fonte de disputas entre franceses, ingleses e espanhóis já no século XVII, como uma espécie de espelho da história argentina, principalmente de sua relação com as grandes potências imperiais: da resignação em relação à ocupação britânica em 1833, rompida por alguns tímidos protestos diplomáticos, em parte como consequência das enormes dificuldades da construção do estado nacional argentino, mas principalmente como resultado da vinculação da elite de Buenos Aires ao mercado mundial dominado pelos ingleses. As reivindicações argentinas sobre a ilha apenas voltaram à tona a partir da década de 1950, durante os governos nacionalistas de Perón, no contexto da mudança hegemônica na região da dominação britânica para a estadunidense. Se a perda da hegemonia britânica na região fomentou entre alguns grupos – e entre eles a Junta Militar – a ideia de que a possessão britânica fosse apenas a “sobrevivência de um passado colonial”, segundo Coggiola, com essa mudança, o arquipélago apenas havia-se transformado em um dispositivo estratégico de um “aliado-subordinado dos EUA no quadro da OTAN”. Um erro crasso de análise que custou caro à Junta Militar, que tampouco soube explorar suas ótimas relações com o governo Ronald Reagan e as possíveis contradições entre este e o cambaleante governo de Margaret Thatcher. Pelo contrário: a vitória inglesa revitalizou o governo da Dama de Ferro, além de eliminar algumas rugas precedentes entre britânicos e estadunidenses, favorecendo a consolidação do chamado “atlantismo extremo”, fundamental para a dissolução da URSS menos de uma década depois do conflito.

A guerra como continuação da política evidencia-se também no livro de Coggiola por meio da extensa reconstrução do teatro de operações. Se para aqueles pouco inclinados à história militar, com detalhadas descrições sobre as operações militares, batalhas e armamentos, os capítulos relativos ao conflito armado propriamente dito podem parecer morosos e áridos, por outro lado, é completamente acessível para os neófitos ou minimamente curiosos sobre o assunto. No campo de batalha, apesar da garra dos soldados argentinos e principalmente de seus pilotos

louvada em muitas passagens pelo autor, ficam evidentes com a falta e a debilidade dos recursos militares argentinos - como as inúmeras bombas mal armadas que não explodem ao atingir seus alvos - as dificuldades de um país periférico ao optar por um conflito convencional contra uma potência militar central. O bloqueio econômico e militar dos países centrais, assim como o eventual e tímido apoio de seus possíveis aliados no continente pouco inclinados a se indispor com o Norte, rapidamente privou a Argentina de importantes recursos militares - como os mísseis franceses Exocet, cujas poucas unidades em posse argentina foram responsáveis por consideráveis danos à armada inglesa. Somado a isso, a estrutural subserviência às potências imperiais - a Argentina seguiu pagando os juros da dívida externa durante o conflito, contribuindo ela própria com o esforço de guerra britânico - e um oficialato expert na perseguição e tortura de militantes operários e estudantis, mas muito pouco afeito ao combate, transformaram a guerra em uma expressão dos limites e debilidades históricas da burguesia argentina "e de sua casta militar".

Uma questão que necessariamente emerge da leitura do "A outra guerra do fim do mundo" é sobre o posicionamento da esquerda em relação aos conflitos e movimentos potencialmente anti-imperialistas, independente de sua direção política. Rebeldes líbios com apoio da OTAN, grupos sírios armados pelo Pentágono, ou manifestações massivas na Ucrânia secundadas por milícias fascistas receberam apoio de diversas organizações de esquerda sem muita mediação ou reflexão. Coggiola apenas apresenta as discussões relativas ao conflito no campo da esquerda argentina, tema que o autor poderia ter explorado com mais profundidade tendo em vista seu notório saber sobre o tema. Em tempos de violentos realinhamentos motivados pela crise da hegemonia estadunidense e a descoberta das fantásticas reservas de petróleo no Atlântico sul, conhecer a questão das Malvinas - e principalmente a experiência da esquerda durante o conflito - torna-se algo fundamental, mas passar a entendê-la como uma questão que ultrapasse a Argentina e transforme-se em uma bandeira pela soberania continental é uma obrigação.